ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA A CONSOLIDAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

ADÑA MARIA DO NASCIMENTO

RESUMO
Este artigo analisa os desafios e as possibilidades da alfabetização e do letramento nos anos iniciais do ensino fundamental, entendendo esses processos como dimensões indissociáveis da formação escolar e do desenvolvimento integral dos estudantes. A discussão concentra-se em práticas pedagógicas que favorecem a consolidação da leitura e da escrita de maneira contextualizada, significativa e socialmente relevante, reconhecendo o aluno como sujeito ativo da aprendizagem. O estudo baseia-se em revisão bibliográfica integrativa, articulada a reflexões críticas sobre a prática docente, com ênfase na avaliação formativa, na organização didática do ensino e na mediação pedagógica no cotidiano escolar. São analisados fatores que influenciam o processo de alfabetização, como desigualdades socioculturais, desenvolvimento linguístico, acesso a práticas sociais de leitura e escrita e concepções metodológicas adotadas pelos professores. Destaca-se que alfabetizar vai além do domínio do sistema alfabético, envolvendo o uso funcional da linguagem em contextos reais. Conclui-se que a alfabetização requer planejamento intencional.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Letramento; Anos iniciais; Mediação pedagógica; Avaliação formativa.

ABSTRACT
This article analyzes the challenges and possibilities of literacy and reading instruction in the early years of elementary education, understanding these processes as inseparable dimensions of schooling and students' holistic development. The discussion focuses on pedagogical practices that support the consolidation of reading and writing in a contextualized, meaningful, and socially relevant manner, recognizing students as active participants in their learning. The study is based on an integrative literature review combined with critical reflections on teaching practices, emphasizing formative assessment, instructional organization, and pedagogical mediation in everyday school contexts. Factors influencing the literacy process are examined, including sociocultural inequalities, linguistic development, access to social practices of reading and writing, and the methodological approaches adopted by teachers. It is emphasized that literacy goes beyond mastering the alphabetic system, involving the functional use of language in real communicative situations. The article concludes that effective literacy requires intentional planning, continuous monitoring of learning, ongoing teacher education, and public policies committed to equity and the right to learn.

KEYWORDS: Literacy; Early years; Pedagogical mediation; Formative assessment; Educational equity.

INTRODUÇÃO

A alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental representa um dos momentos mais sensíveis da trajetória escolar. É nesse período que a criança passa a compreender o funcionamento da escrita e amplia suas possibilidades de participação social por meio da leitura e da produção de textos. Mais do que aprender letras e sílabas, trata-se de inserir-se em práticas culturais que envolvem a linguagem escrita.

Ao longo das últimas décadas, a discussão sobre alfabetização foi ampliada com a incorporação do conceito de letramento. Conforme discute Magda Soares, não se pode reduzir a alfabetização à simples decodificação do sistema alfabético. É necessário que a criança compreenda para que se lê e para que se escreve, utilizando a linguagem em situações reais de comunicação. Nessa perspectiva, alfabetização e letramento não são processos opostos, mas dimensões que se complementam no cotidiano escolar.

As contribuições de Paulo Freire reforçam essa compreensão ao afirmar que a

leitura da palavra está vinculada à leitura do mundo. Isso significa que a aprendizagem da escrita deve dialogar com a realidade do estudante, valorizando suas experiências e seus conhecimentos prévios. Do mesmo modo, os estudos de Emilia Ferreiro demonstram que a criança elabora hipóteses sobre a escrita antes mesmo do ensino formal, exigindo do professor uma escuta atenta e intervenções planejadas.

A Base Nacional Comum Curricular estabelece a alfabetização como prioridade nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, destacando a necessidade de trabalho sistemático com o sistema alfabético articulado a práticas significativas de leitura e produção textual. No entanto, a efetivação dessas orientações depende de condições concretas de trabalho, formação docente e organização pedagógica.

Sob a perspectiva socioconstrutivista, especialmente nas contribuições de Lev Vygotsky, compreende-se que a aprendizagem ocorre nas interações sociais mediadas. Assim, o papel do professor ultrapassa a transmissão de conteúdos: ele organiza situações didáticas, intervém intencionalmente e cria condições para que o estudante avance em sua zona de desenvolvimento proximal.

Diante dessas considerações, este artigo analisa práticas pedagógicas voltadas à consolidação da alfabetização e do letramento nos anos iniciais, discutindo fundamentos teóricos e estratégias de intervenção que favoreçam a aprendizagem efetiva da leitura e da escrita.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO

A alfabetização, durante muito tempo, foi compreendida apenas como o domínio do código escrito. Entretanto, os estudos mais recentes ampliaram essa visão. Magda Soares diferencia alfabetização e letramento ao explicar que, enquanto a primeira se refere à apropriação do sistema de escrita alfabética, o segundo diz respeito ao uso social da leitura e da escrita. Essa distinção ajuda a compreender que aprender a ler e escrever não se limita à identificação de letras e palavras, mas envolve saber utilizar a linguagem em situações concretas.

Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Brian Street, ao propor o modelo ideológico de letramento, no qual a escrita é entendida como prática social situada. A escola, portanto, não deve ensinar o código de forma isolada, mas articulá-lo às práticas reais de comunicação.

Nessa mesma direção, Paulo Freire enfatiza que a leitura da palavra está vinculada à leitura do mundo. Ao reconhecer a experiência do estudante como ponto de partida, a alfabetização passa a assumir caráter formativo e crítico. A criança não é vista como receptora passiva, mas como sujeito que interpreta, questiona e constrói sentidos.

Os estudos de Emilia Ferreiro, fundamentados na psicogênese da língua escrita, demonstram que as crianças elaboram hipóteses sobre o funcionamento da escrita antes mesmo do ensino sistemático. As fases pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabética não representam erros aleatórios, mas etapas de construção do conhecimento. Compreender esse percurso permite ao professor intervir de forma mais adequada.

Sob a perspectiva histórico-cultural, Lev Vygotsky destaca que o desenvolvimento ocorre nas interações sociais mediadas. A noção de zona de desenvolvimento proximal reforça a importância da intervenção docente planejada, capaz de promover avanços que a criança, sozinha, ainda não realizaria.

PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NA APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

Aprender a ler e escrever mobiliza diferentes habilidades cognitivas que se articulam ao longo do processo. A consciência fonológica, por exemplo, possibilita que a criança perceba e manipule os sons da fala, estabelecendo correspondência com os grafemas. Pesquisadores como José Morais apontam que essa habilidade favorece a compreensão do princípio alfabético, especialmente quando trabalhada de forma contextualizada.

Além disso, a fluência leitora desempenha papel importante na consolidação da alfabetização. Quando a decodificação se torna mais automática, o estudante consegue direcionar maior atenção à compreensão do texto. Isabel Solé ressalta que compreender envolve mobilizar estratégias como antecipação, formulação de hipóteses e monitoramento da

própria leitura.
O repertório vocabular também interfere diretamente no desempenho leitor. Crianças que convivem com maior diversidade de textos e situações de escuta tendem a apresentar melhor compreensão. Por isso, a leitura literária frequente, a contação de histórias e as rodas de conversa constituem práticas que ampliam o desenvolvimento linguístico.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
A consolidação da alfabetização nos anos iniciais enfrenta desafios que ultrapassam o espaço da sala de aula. A heterogeneidade das turmas exige planejamento diferenciado e intervenções mais individualizadas. Estudantes chegam à escola com repertórios culturais distintos, o que influencia o ritmo de aprendizagem.
Pierre Bourdieu contribui para essa análise ao discutir o conceito de capital cultural, evidenciando que o acesso prévio a práticas letradas impacta o desempenho escolar. Dessa forma, cabe à escola criar oportunidades que ampliem o acesso à leitura e à escrita para todos.
Outro desafio refere-se à pressão por resultados em avaliações externas. Embora indicadores sejam importantes para diagnóstico, o risco está em reduzir o trabalho pedagógico a habilidades fragmentadas, desconsiderando a complexidade do processo de alfabetização.
Também se observa que a falta de tempo destinado ao planejamento coletivo e à formação continuada limita a troca de experiências entre docentes e o aprofundamento teórico necessário à prática pedagógica.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS AMPLIADAS
Diante desses desafios, algumas estratégias mostram-se relevantes para a consolidação da alfabetização. O ensino sistemático do sistema alfabético é fundamental. Trabalhar explicitamente as correspondências fonema-grafema, a segmentação de palavras e a formação de sílabas contribui para que o estudante compreenda a lógica da escrita.
Entretanto, esse trabalho precisa estar articulado a práticas significativas. A leitura literária diária amplia o repertório cultural e favorece o desenvolvimento da compreensão. Textos variados, narrativos, poéticos e informativos, possibilitam contato com diferentes estruturas linguísticas.
A produção textual orientada também ocupa papel central. Planejar, escrever, revisar e reescrever são etapas que ajudam a criança a refletir sobre a própria escrita. Quando realizada coletivamente, a revisão torna-se momento rico de aprendizagem. Os agrupamentos produtivos constituem outra estratégia importante. Ao interagir com colegas que apresentam hipóteses de escrita diferentes, o estudante confronta ideias, explicita estratégias e avança conceitualmente.

AVALIAÇÃO FORMATIVA E ACOMPANHAMENTO CONTÍNUO
A avaliação no processo de alfabetização precisa assumir caráter diagnóstico e formativo. Jussara Hoffmann defende que avaliar significa acompanhar o percurso do estudante, identificando avanços e necessidades de intervenção. Sondagens de escrita, registros de leitura oral e análise de produções textuais fornecem informações relevantes para reorganizar o planejamento. Quando utilizada como instrumento de reflexão pedagógica, a avaliação contribui para evitar defasagens prolongadas.
Cipriano Luckesi reforça que a avaliação deve estar a serviço da aprendizagem, orientando decisões didáticas e não apenas classificando resultados.

DIMENSÃO SOCIOEMOCIONAL
O processo de alfabetização não envolve apenas aspectos cognitivos. Henri Wallon destaca a relação indissociável entre emoção e aprendizagem. Sentimentos de segurança, pertencimento e valorização influenciam diretamente o engajamento do estudante. Ambientes que reconhecem o erro como parte do processo favorecem maior participação. A confiança construída na relação professor-aluno contribui para que a criança se arrisque mais na leitura e na escrita.

FORMAÇÃO DOCENTE E POLÍTICAS PÚBLICAS
A formação inicial e continuada constitui elemento estruturante para a qualidade da alfabetização. António Nóvoa defende que o desenvolvimento profissional ocorre na reflexão coletiva sobre a prática, no diálogo entre teoria e experiência. Políticas públicas precisam garantir

acompanhamento pedagógico, redução do número de alunos por turma, acesso a materiais didáticos diversificados e investimento em formação continuada. Além disso, a implementação de diretrizes curriculares alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) exige compreensão crítica por parte dos docentes, evitando reducionismos e assegurando práticas coerentes com a complexidade do processo de alfabetização. Conclui-se que a alfabetização constitui processo multidisciplinar, que articula as esferas linguísticas, cognitivas, sociais e emocionais. A garantia do direito à aprendizagem demanda intencionalidade pedagógica, compromisso político e fundamentação teórica consistente.

MÉTODOS E MATERIAIS

Este estudo é uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, baseada em revisão bibliográfica e análise de práticas desenvolvidas em turmas de alfabetização dos anos iniciais. A pesquisa foi organizada em duas etapas.
A primeira consistiu em levantamento bibliográfico em livros, artigos científi-i cos e periódicos da área da Educação, com foco em alfabetização, letramento e avaliação formativa. A segunda envolveu análise de práticas pedagógicas, por meio de:

- planejamentos e sequências didáticas
- sondagens diagnósticas de escrita
- registros de leitura dos estudantes
- produções textuais
- observações das intervenções realizadas em sala

As sondagens permitiram identificar as hipóteses de escrita das crianças, enquanto os registros de leitura ajudaram a acompanhar avanços na fluência e compreensão.
A análise dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo, organizando as informações em categorias temáticas relacionadas ao desenvolvimento da escrita, estratégias pedagógicas e mediação docente. Para garantir maior consistência, utilizou-se a triangulação de fontes, cruzando diferentes registros e documentos.
A identidade dos participantes foi preservada, assegurando o caráter ético da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados analisados demonstram que as práticas pedagógicas que articulam o ensino sistemático do sistema alfabético com experiências significativas de leitura apresentam resultados mais consistentes no processo de alfabetização. Quando o trabalho com letras, sílabas e relações entre sons e escrita acontece de maneira integrada a textos reais, como histórias, poemas e textos informativos, os estudantes conseguem compreender com mais clareza a função social da escrita e o funcionamento do sistema alfabético.
Ao longo da análise, observou-se que as turmas que mantêm uma rotina diária de leitura mediada pelo professor apresentam avanços importantes na fluência leitora, na ampliação do vocabulário e na compreensão textual. A escuta frequente de textos literários, associada às conversas realizadas após as leituras, favorece não apenas a interpretação, mas também o desenvolvimento da oralidade, da argumentação e do repertório cultural dos alunos. Nesse processo, a mediação docente assume papel fundamental, pois é por meio dela que as crianças passam a atribuir sentido às práticas de leitura e escrita.
Outro aspecto relevante refere-se à participação das famílias no processo de alfabetização. Crianças que convivem com práticas de leitura em casa, mesmo que simples, como ouvir histórias, folhear livros ou acompanhar atividades escolares, demonstram maior envolvimento com as propostas desenvolvidas em sala de aula. A aproximação entre escola e família fortalece o percurso educativo e contribui para que a aprendizagem aconteça de forma mais significativa e contínua.
Também se destacam os resultados obtidos por meio dos agrupamentos produtivos. A interação entre alunos com diferentes hipóteses de escrita possibilita trocas importantes, confronto de ideias e construção coletiva do conhecimento. Nessas situações, os estudantes observam estratégias utilizadas pelos colegas, refletem sobre suas próprias produções e avançam conceitualmente com maior segurança. As intervenções realizadas pelo professor durante essas atividades tornam-se essenciais para direcionar a

aprendizagem e ampliar as possibilidades de reflexão sobre a língua escrita. Além disso, o uso de recursos lúdicos mostrou-se bastante significativo no processo de alfabetização. Jogos pedagógicos, músicas, parlendas, brincadeiras sonoras e atividades interativas despertam o interesse das crianças e tornam a aprendizagem mais envolvente. Essas práticas favorecem o desenvolvimento da consciência fonológica, estimulam a participação ativa dos estudantes e contribuem para a construção de um ambiente alfabetizador mais acolhedor e dinâmico.

A análise também evidenciou a importância de ambientes organizados e ricos em estímulos escritos. Salas com murais, alfabetos expostos, cantinhos de leitura e produções das próprias crianças criam oportunidades permanentes de contato com a linguagem escrita. Esse contexto favorece a curiosidade, amplia as possibilidades de observação e incentiva a autonomia dos estudantes diante das práticas de leitura e escrita.

Outro ponto de destaque foi o uso pedagógico das avaliações e sondagens de escrita. Quando analisados continuamente, esses registros permitem ao professor compreender as necessidades reais da turma, reorganizar o planejamento e propor intervenções mais adequadas ao processo de aprendizagem de cada estudante. Essa prática contribui para acompanhar o desenvolvimento individual dos alunos e reduzir possíveis defasagens ao longo do percurso escolar.

Entretanto, os dados também revelam desafios presentes no cotidiano escolar. A ausência de momentos destinados ao planejamento coletivo dificulta a troca de experiências entre os professores e limita a construção de estratégias compartilhadas. Da mesma forma, a falta de formação continuada impacta diretamente o aprofundamento teórico e a atualização das práticas pedagógicas, refletindo na qualidade das intervenções realizadas em sala de aula.

Dessa forma, compreende-se que a alfabetização vai muito além da simples aquisição do código escrito. Trata-se de um processo contínuo, complexo e profundamente relacionado às vivências sociais, culturais e afetivas das crianças. Garantir uma alfabetização de qualidade exige intencionalidade pedagógica, acompanhamento constante, valorização do trabalho docente e condições institucionais que possibilitem o desenvolvimento de práticas significativas e humanizadas no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste estudo permite compreender que a alfabetização nos anos iniciais demanda muito mais do que o ensino mecânico de letras e sílabas. Trata-se de um processo que envolve reflexão, planejamento e práticas pedagógicas capazes de aproximar a criança da leitura e da escrita de maneira significativa. Ensinar a ler e escrever significa possibilitar que o estudante compreenda os usos sociais da linguagem e desenvolva condições de participar ativamente das diferentes situações comunicativas presentes em seu cotidiano.

Os resultados discutidos apontam que o trabalho articulado entre o ensino do sistema de escrita alfabética e o contato frequente com textos reais favorece avanços mais consistentes na aprendizagem. A leitura mediada pelo professor, as rodas de conversa, as produções textuais e as atividades de reflexão sobre a escrita demonstram contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da fluência leitora, da compreensão textual e da ampliação do repertório linguístico dos estudantes. Quando a criança percebe sentido no que lê e escreve, o processo de aprendizagem torna-se mais envolvente e efetivo.

Ao mesmo tempo, ficou evidente que cada estudante aprende de maneira singular. As experiências vividas fora da escola, o acesso à leitura no ambiente familiar e as diferentes vivências culturais influenciam diretamente o percurso de alfabetização. Diante disso, torna-se indispensável que a escola reconheça essas diferenças e organize práticas que acolham as necessidades reais dos alunos, oferecendo oportunidades de aprendizagem mais equitativas e significativas.

Nesse contexto, o papel do professor assume grande relevância. Mais do que transmitir conteúdos, cabe ao docente acompanhar o desenvolvimento das crianças, observar suas hipóteses de escrita, propor desafios e realizar intervenções que favoreçam avanços no processo de aprendizagem. A escuta atenta,

a mediação qualificada e a sensibilidade para compreender os diferentes ritmos da turma são aspectos fundamentais para a construção de um ambiente alfabetizador mais acolhedor e participativo. Outro ponto importante diz respeito às práticas de leitura desenvolvidas no cotidiano escolar. A presença constante da literatura infantil, das narrativas orais e dos momentos de leitura compartilhada contribui não apenas para o desenvolvimento da linguagem, mas também para a formação de leitores mais críticos, criativos e autônomos. O contato frequente com livros e diferentes gêneros textuais amplia o repertório cultural das crianças e fortalece sua relação com a escrita desde os primeiros anos escolares.

Além disso, as avaliações diagnósticas e os registros de aprendizagem mostraram-se ferramentas importantes para o acompanhamento do processo alfabetizador. Quando utilizados de maneira contínua e reflexiva, esses instrumentos permitem que o professor identifique dificuldades, reorganize estratégias pedagógicas e acompanhe o desenvolvimento individual dos estudantes com maior precisão. Dessa forma, a avaliação deixa de assumir apenas caráter classificatório e passa a contribuir efetivamente para a aprendizagem.

Entretanto, os desafios presentes no contexto escolar também precisam ser considerados. A ausência de tempo para planejamento coletivo, as limitações na formação continuada e as dificuldades estruturais enfrentadas pelas escolas interferem diretamente na qualidade das práticas pedagógicas. Muitas vezes, o professor precisa lidar com demandas complexas sem o suporte necessário para desenvolver um trabalho mais aprofundado e consistente.

Dessa maneira, compreender a alfabetização como um processo amplo e contínuo implica reconhecer que garantir o direito de aprender depende de diferentes fatores: práticas pedagógicas intencionais, acompanhamento constante, valorização docente e condições adequadas de trabalho. Mais do que ensinar códigos linguísticos, alfabetizar significa criar possibilidades para que a criança leia, escreva, compreenda e se reconheça como sujeito participante da sociedade em que vive.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011. BOURDIEU, Pierre. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAIS, José. A arte de ler. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STANOVICH, Keith E. Progress in understanding reading: scientific foundations and new frontiers. New York: Guilford Press, 2000.

STREET, Brian. Literacy in theory and practice. Cambridge: Cambridge Univer-

sity Press, 1984.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.